

O GÊNERO EM GILEAD: DIÁLOGOS ENTRE TEORIA FEMINISTA E O CONTO DA AIA

LARA DOS SANTOS AZEVEDO¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – lara.santos.azevedo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@mandic.com.br

1. INTRODUÇÃO

A teoria feminista muito diverge e discute sobre a natureza do termo “mulher”. Se por um lado há quem busque a essencialização da experiência feminina e, através disso, unidade na discussão e na luta por direitos, há também quem aponte para a natureza excludente dessa busca por uma dita “essência feminina”. São essas divergências na retórica feminista que nos interessam nesta análise.

Com este trabalho pretendemos realizar uma análise crítica da obra *O Conto da Aia* (1985), da escritora canadense Margaret Atwood. O intuito é analisar a forma como são construídas as relações entre as personagens sob o ponto de vista do gênero. A narrativa se desenrola a partir da perspectiva da narrador-personagem, Offred, uma das “aias” de Gilead – uma parcela de mulheres ainda férteis e que por isso são compelidas a engravidar pelo bem das futuras gerações e pela permanência da nação.

O objetivo específico desta análise é observar a forma como o gênero é tratado na narrativa de *O Conto da Aia* e como esse tratamento interage com os debates no interior da teoria feminista.

2. METODOLOGIA

A análise se deu a partir da leitura da obra supracitada e também de outros escritos da autora, incluindo coletâneas de poemas, narrativas curtas e outros romances. Este processo se fez importante para o desenvolvimento de uma compreensão mais aprofundada dos temas abordados na obra de Margaret Atwood.

Também importante foram os exercícios de leitura e discussão de textos teóricos sobre gênero, que serviriam como base para a discussão teórica sobre o assunto, assim como a leitura de textos críticos sobre *O Conto da Aia* que pudessem auxiliar no entendimento das dicotomias dentro da narrativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho desenvolvido até agora envolveu a leitura e extensiva discussão da obra de Atwood já citada. A narrativa explora uma sociedade controlada por fundamentalistas religiosos, e que enfrenta níveis criticamente baixos de natalidade. Nesta realidade, mulheres inférteis são designadas a funções de doutradoras/guardiãs – as “tias” – ou empregadas para as famílias abastadas ou para as famílias de oficiais de Gilead – as “Marthas”; enquanto às mulheres férteis é reservado o posto de “aia”, mulheres que devem dar a luz aos filhos dos Comandantes, representantes da classe dominante na nação fictícia.

A sociedade em Gilead é altamente estratificada social, cultural e biologicamente. A divisão entre fértil/infértil biologiza a função social das

mulheres, determina seu papel dentro daquele sistema e tenta anular sua subjetividade. A questão da biologização do corpo feminino é uma da qual a teoria feminista vem tentando dar conta desde seu início, e a importância dessa biologia para a constituição do que é ser mulher ainda é largamente debatida.

Dentro do posicionamento essencialista do início da segunda onda do feminismo, na qual “gênero” era a variação cultural sobre a constância biológica do “sexo” (NICHOLSON, 1998), o que se buscava determinar era qual seria o significado comum de “mulher”, um aspecto que perpassasse todas as culturas. No entanto, Chanter (1998) aponta para as limitações do essencialismo:

“Apelar para uma natureza feminina que todas as mulheres partilham é repudiar a suma importância da raça, classe, preferência sexual e afins, um gesto que endossa ostensivamente o sujeito supostamente neutro e ideal (...)” (CHANTER, 1998, p. 267 – tradução nossa)¹

Da mesma forma, como resume Nicholson (1998), Butler corrobora as críticas à uma “mulher” universal, apontando para seus perigos:

“Como Butler argumenta, a ideia de mulher como unitário é uma ficção a serviço do próprio regime que o feminismo busca eliminar. A crença de que ‘mulher’ de fato tem algum significado em comum serve para coagir indivíduos a agir de forma a exibir tais significados. Em outras palavras, a ideia de ‘mulher’ como unitário opera como uma força policiadora que gera e legitima certas práticas, experiências, etc, e reprime e deslegitima outras.” (NICHOLSON, 1998, p. 293 – tradução nossa)²

A partir dessa discussão entre essencialistas e anti-essencialistas dentro da teoria feminista, podemos localizar Atwood e o seu *O Conto da Aia*:

“Para os pós-modernistas e anti-essencialistas, categorias de gênero são histórica, social e culturalmente situadas, e assim sendo, rótulos restritivos que não reconhecem o indivíduo. No romance de Atwood, cada um dos personagens é categorizado de uma maneira que é vista como limitadora e desumanizante.” (TOLAN, 2007, p. 150 – tradução nossa)³

Para elaborar esse ponto, Tolan cita o momento em que Offred lamenta a perda de seu nome, alegando que, nesse momento, podemos identificar uma inclinação de Atwood para uma “política do reconhecimento”, que estaria contrária a uma política de igualdade universal do feminismo de primeira e início de segunda onda (TOLAN, 2007).

As ações de Offred e das outras aias em *O Conto da Aia* negam as crenças do regime teocrático de Gilead. Mesmo dentro de um modelo essencialista a subjetividade de Offred não pode ser negada, ainda que marcada como

¹ Do original: “To appeal to a female nature that all women share is to repudiate the ultimate importance of race, class, sexual preference, and the like, a gesture that ostensibly endorses the supposedly neutral and ideal subject, which often ends up being White, middle-class, heterosexual, and whatever else marks privilege in a given society.”

² Do original: “As Butler has argued, the idea of woman as unitary is a fiction in the service of the very oppressive regime feminism seeks to overthrow. The belief that “woman” does have some common meaning serves to coerce individuals into behavior aimed to exhibit such meaning. In other words, the idea of “woman” as unitary operates as a policing force which generates and legitimizes certain practices, experiences, etc., and curtails and delegitimizes others.”

³ Do original: “For postmodernists and anti-essentialists, gender categories are historically, socially, and culturally situated, and as such, are restrictive labels that do not recognise the individual. In Atwood’s novel, each of the characters is categorised in a manner that is seen as limiting and dehumanising.”

pertencendo a uma classe de mulheres que têm sua utilidade social definida a partir de sua capacidade biológica. Como Chanter (1998) coloca: “não existe uma mulher ideal e universal – nenhuma essência, nenhum eterno feminino, nenhum carimbo natural e imutável que marca todas as mulheres” (p. 270 – tradução nossa)⁴.

4. CONCLUSÕES

A sociedade descrita em *O Conto da Aia* se baseia em oposições binárias para reafirmar seus ideais. A dicotomia homem/mulher é necessária para o funcionamento daquela estrutura, também em decorrência dessa oposição se dá o juízo de valor sobre os papéis tradicionalmente associados a homens e mulheres. Apesar disso, a própria constituição dos sujeitos nessa sociedade desafia esse determinismo. *O Conto da Aia* tenta escapar de noções de reducionismo biológico ou universalidade social.

É possível, então, depreender que, para Atwood, o sujeito não pode ser reduzido a apenas uma parte de dois extremos indesejáveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. São Paulo: Rocco, 1985.

CHANTER, Tina. Postmodern subjectivity. In: JAGGAR, Alison M.; YOUNG, Iris Marion. **A Companion to Feminist Philosophy**. Blackwell Publishing, 1998, pp. 263-271

NICHOLSON, Linda. Gender. In: JAGGAR, Alison M.; YOUNG, Iris Marion. **A Companion to Feminist Philosophy**. Blackwell Publishing, 1998, pp. 289-297

TOLAN, Fiona. The Handmaid's Tale: Second-Wave Feminism as Anti-Utopia In: _____. **Margaret Atwood: Feminism and Fiction**. Editions Rodopi B.V., Amsterdam - New York, NY, 2007.

⁴ Do original: “(...) there is no one, ideal, universal woman – no essence, no eternal feminine, no natural and unchanging stamp that marks all women.”